

Florestan Fernandes – o intelectual e o Brasil

Resenha do livro de Renan Freitas Pinto: *A Sociologia de Florestan Fernandes*. Manaus: Edua, 2008. 338 páginas.



Nelson Matos de Noronha¹³

Em 2009, a Edua fez o lançamento de *A Sociologia de Florestan Fernandes*, do professor Renan Freitas Pinto, do Departamento de Ciências Sociais da Ufam. Trata-se da versão em livro da tese de doutorado do autor, que também é professor titular e pesquisador dos programas de Pós-Graduação em Sociologia e em Sociedade e Cultura da mesma instituição. Ex-diretor da Edua, Freitas Pinto foi responsável pela inauguração de uma linha editorial de sucesso pela qual foram publicadas numerosas pesquisas inéditas sobre a Amazônia e algumas reedições de clássicos do pensamento social amazônico, como as obras de Euclides da Cunha, Samuel Fritz, Koch-Grünberg e Alexandre Rodrigues Ferreira. Sua atuação foi decisiva para o reconhecimento da produção intelectual local, o que ensejou a aprovação pela Capes de diversos Programas de Pós-Graduação da Ufam.

A leitura de seu estudo sobre Florestan Fernandes nos permite compreender o afã característico do trabalho de Freitas Pinto cujos traços estão presentes de maneira indelével nos trabalhos de conclusão de curso de seus orientandos de graduação e pós-graduação, entre os quais se encontram alguns doutores de reconhecido talento. Traços que também se encontram em seu trabalho técnico de editor, marcado pelo rigor e o alto nível dos projetos gráficos de seus produtos.

¹³Doutor em Filosofia pela Unicamp. Professor do Departamento de Filosofia da Ufam.

Segundo registra a Plataforma Lattes do CNPq, Ernesto Renan de Melo Freitas Pinto possui graduação em Letras - Língua e Literatura Inglesa pela Universidade Federal do Amazonas (1969), mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1982) e doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1992). Atualmente é professor titular da Universidade Federal do Amazonas. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia do Desenvolvimento, atuando principalmente nos seguintes temas: Amazônia, Pensamento Social, História das Ideias, Desenvolvimento Regional e Pensamento Social na Amazônia e Fundamentos Filosóficos das Ciências Humanas.

Os aspectos biográficos do autor constituem, para Freitas Pinto, elementos indispensáveis para a compreensão de uma obra, ainda que a definição do que venha ser uma obra mereça longas e complicadas discussões. Isso vale particularmente para a obra de Florestan Fernandes que, tendo sido reconhecido no Brasil e no exterior como um pensador original, responsável pelo surgimento da Escola de Sociologia Paulista, requer maior divulgação nas universidades brasileiras. O que se justifica não somente em razão de ter se tornado autor de uma obra clássica, mas também porque esta continua sendo um instrumento indispensável para a reflexão e a compreensão dos eventos que, na atualidade, nos deixam perplexo. A Escola de Sociologia Paulista, embora possa ser identificada pelos seus nomes mais ilustres, como Otávio Ianni, Fernando Henrique Cardoso, Gabriel Cohn, Francisco Weffort e Paul Singer, é reconhecida, sobretudo, pelas ideias de Florestan Fernandes sobre as exigências teóricas e metodológicas necessárias para a investigação científica das sociedades. Obra marcada, em seu conjunto, por inovações basilares para a consolidação das ciências sociais no mundo acadêmico, que é também recheada por reflexões de Florestan Fernandes sobre a condição de sociólogo, onde muitas vezes o rigor do pensamento e a acuidade da observação são atravessados pela riqueza da imaginação, a apreciação estética, a memória e a constante avaliação da história de vida do intelectual.

Freitas Pinto afirma que pretendeu focar *alguns dos elementos principais da contribuição sociológica de Florestan Fernandes*. Para fazê-lo, organizou seu trabalho em seis momentos, para mostrar como a história pessoal envolveu e ordenou o desenvolvimento das pesquisas e do pensamento do eminente sociólogo.

Nos dois primeiros capítulos, o estudo é dedicado ao autor e sua obra bem como a sua contribuição teórica para o desenvolvimento das ciências sociais. Florestan Fernandes nasceu em São Paulo, em 1920, e aí faleceu em

1995. Além de professor universitário – tendo atuado na USP, desde 1945, como assistente dos professores Fernando Azevedo e Roger Bastide, atuou também nas universidades de Columbia e Yale, nos Estados Unidos, e na Universidade de Toronto, no Canadá, e após ter sido cassado pelo golpe militar de 1964 -, trabalhou nas principais redações dos jornais de seu Estado e, após seu retorno ao Brasil, na Pontifícia Universidade de São Paulo. Teve atuação política destacada como deputado federal pelo Partido dos Trabalhadores durante dois mandatos entre 1986 e 1994. Tais detalhes, entretanto, foram sobrepujados, no trabalho de Freitas Pinto, pelos testemunhos que Florestan Fernandes dá em seus próprios livros e em depoimentos aos estudiosos de sua obra nos quais o que se destaca é a afirmação de que se tornou sociólogo aos seis anos de idade, quando foi forçado a *ganhar a vida como se fosse um adulto*. A partir dessa iniciação no mundo hostil das relações humanas, surgiria o interesse pelo entendimento das contradições econômicas, dos conflitos políticos e da diversidade de culturas em um cenário fértil para o aguçamento de sua curiosidade como era a cidade de São Paulo dos anos vinte e trinta do século passado. Superando com grande dificuldade esses obstáculos, ingressou no meio universitário após travar conhecimento com os meios sindicais e políticos de esquerda.

A consistência da contribuição teórica de Florestan Fernandes se deve certamente, além de seu talento pessoal, ao seu envolvimento e sua adesão ao ambiente acadêmico que se instalara no meio estudantil em decorrência da fundação da Universidade de São Paulo (USP), em 1934, e da presença de numerosos professores estrangeiros, como George Dumas, Alfred Metraux, Roger Bastide, Lévi-Strauss e outros da Missão Francesa de 1943. Segundo Freitas Pinto, *talvez a questão de maior relevo seja a de perceber o alcance desse processo ligado à presença da “missão francesa” que Florestan Fernandes define como uma “revolução intelectual” de importância maior do que a Semana de Arte Moderna*. A essa crença se liga a dedicação do professor à consolidação de um projeto de educação superior calcado no princípio da indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão, voltado para o entendimento da natureza, da sociedade e da cultura e comprometido com a mudança em vista da democratização econômica e política da sociedade.

A fidelidade de Fernandes a esse ideal pode ser atestada por sua atuação como publicista de ideias de esquerda, socialistas e libertárias, a qual teve início em sua juventude, com a tradução da *Crítica da Economia Política*, de Marx que assumiu como tarefa no quadro de sua militância trotskista, em 1946.

Militância que se estendeu por toda a vida, destacando-se em vários episódios do movimento em defesa da escola pública, gratuita e de qualidade em todo o País. Dois desses momentos se destacam: sua participação da Assembleia Nacional Constituinte, de 1988, e sua atuação em favor do Projeto Popular da LDB que foi substituído pelo projeto elaborado por Darcy Ribeiro, finalmente aprovado em 1996.

Ao longo dos quatro capítulos que completam seu livro, Renan Freitas Pinto mostra como obra de Florestan Fernandes se construiu como uma arquitetura, isto é, como um trabalho sistematicamente elaborado mediante o domínio e a aplicação de recursos teóricos e instrumentos metodológicos consistentes, coerentes e adequados aos objetivos de suas pesquisas. Trabalho que exigiu a leitura intensa e extensa dos clássicos do pensamento social. Prova disso é a presença constante, em suas publicações, de referências a Max Weber, Marx, Manheim, Mauss e Durkheim. Em cada novo trabalho publicado, o sociólogo mobilizava um grande número de conceitos, revisava as ideias e os instrumentos metodológicos utilizados nos trabalhos anteriores em vista do aperfeiçoamento e da aplicação de seus resultados em novas pesquisas.

Assim, *A Organização Social dos Tupinambá*, de 1949, e *A Função da Guerra na sociedade tupinambá*, de 1951, respectivamente, sua Dissertação de Mestrado e sua Tese de Doutorado, representaram, na trajetória intelectual de Florestan Fernandes, o saber fundamental, como diz a citação de Antônio Cândido, *o Florestan Fernandes dos anos 40 é o da construção do saber, que ao construir o seu constrói a possibilidade do saber dos outros*. (CÂNDIDO, A, apud FREITAS PINTO, 2009: p. 126). Neste mesmo sentido, as obras seguintes, voltadas para a reflexão epistemológica e a fundamentação teórica das observações empíricas do sociólogo, mereceram de Antônio Cândido um comentário complementar: *O Florestan Fernandes dos anos 50 é o que começa a se apaixonar pela aplicação do saber ao mundo, porque tendo já os instrumentos na mão, dedica-se a aplicá-los para compreender os problemas do mundo*. (CÂNDIDO. A. IDEM; IBIDEM).

O diálogo constante com a tradição marxista e a liberdade com que recorreu aos clássicos do pensamento social deram à sociologia de Florestan Fernandes o seu caráter crítico e rigoroso, avesso a dogmatismos e, ao mesmo tempo, comprometido como uma opção política claramente contrária à perpetuação das estruturas tradicionais da sociedade brasileira, responsáveis, em seu entendimento, pela exclusão reiterada dos membros das camadas sociais populares dos sistemas institucionais da economia, da política e da cultura do País.

Finalizando o comentário apresentado em *O Saber Militante*, Antônio Cândido completa: *o terceiro momento é o do Florestan Fernandes que, tendo aplicado o saber à compreensão do mundo, transforma-o numa arma de combate.* (IDEM; IBIDEM).

Na mesma perspectiva, Freitas Pinto analisa duas obras que encerram a arquitetura da obra de Florestan Fernandes: *A integração do negro na sociedade de classes* - estudo das relações raciais no Brasil, de 1964 e *A revolução burguesa no Brasil: Ensaio de Interpretação Sociológica*, de 1975. Segundo Freitas Pinto, já nos títulos, esses livros são propositadamente polêmicos, uma vez que seu autor irá concluir que jamais ocorreu no Brasil a integração dos negros, que a nossa “democracia racial” é uma falácia, ainda que seja um ideal mobilizador na consciência das classes populares; da mesma forma, Florestan Fernandes mostrará que o rompimento do Brasil com sua metrópole não ensejou a descolonização completa do País, uma vez que ainda hoje suas bases econômicas e sociais continuam sendo aquelas que predominaram no “antigo regime”, isto é, oligárquicas, fortemente hierarquizadas e conservadoras.

Freitas Pinto foi muito feliz ao mostrar que a obra de Florestan Fernandes, embora diversificada e complexa, deve sua relevante contribuição teórica ao fato de ter se desenvolvido como um projeto solidamente sustentado em bases teóricas consistentes. O que lhe permitiu atravessar diferentes campos do conhecimento, como a etnologia, a história, a literatura, a sociologia, a arte, a economia, a política e, sobretudo, a educação sem perder sua perspectiva, ao mesmo tempo, crítica, revolucionária e científica. Da mesma maneira, Freitas Pinto foi muito perspicaz ao mostrar como as teses essenciais dessa obra podem ser encontradas em uma de suas expressões menos pretensiosas e, no entanto, mais significativas. Trata-se do ensaio de antropologia intitulado *Tiago Marques Aipobureu: um bororo marginal*, escrito ainda na década de quarenta. Renan Freitas Pinto argumenta que esse ensaio pode ser concebido como um elemento de ligação entre a antropologia indígena e os estudos sobre as relações raciais, áreas que, em conjunto, reúnem o interesse do sociólogo pelo entendimento dos processos de formação da cultura “brasileira” e de integração dos elementos constituidores da sociedade nacional.

As inquietações de Florestan Fernandes expressas em trabalhos voltados para a compreensão do social se contrapõem à corrente “folclorista” que foi responsável, em grande parte, pela representação da cultura brasileira mediante a descrição e a caracterização de tipos regionais. Talvez possamos avaliar todo o peso inovador de sua obra a partir do que afirma Otávio Ianni sobre o fato de que ela nos permite fazer uma releitura crítica de Sílvio Romero, Oliveira Vianna,

(IANNI, 1996). Tendo adotado uma postura teórica que, grosso modo, intitulamos “culturalista”, Florestan Fernandes se expôs a críticas justificadas tão somente pela miopia de alguns. Aos quais respondeu sempre de forma elegante, como mostra o texto de “A Condição de Sociólogo” citado no livro de Renan Freitas Pinto:

A análise estrutural-funcional que pratiquei foi instrumental em todas as direções. Ela nada tem a ver com o “funcionalismo” da sociologia sistemática. Trata-se da análise estrutural-funcional que pode ser – e deve ser – explorada pela sociologia descritiva, pela sociologia comparada e pela sociologia diferencial. (apud FREITAS PINTO, 2009: p. 63).

O sucesso do legado intelectual de Florestan Fernandes está consagrado nos numerosos comentários e críticas de pesquisadores de renome como Roberto Cardoso de Oliveira, Mariza Peirano, Viveiros de Castro, Mauela Carneiro da Cunha, Egon Schaden, entre muitos outros, que revelam o caráter fundador do pensamento sociológico e etnológico de sua obra no Brasil e na América Latina. No nonagésimo ano de seu nascimento, a universidade brasileira ficará lhe devendo sua merecida homenagem.

Obras de Florestan Fernandes

1949 – A Organização Social dos Tupinambá. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1963.

1951 – A função social da guerra na sociedade Tupinambá. São Paulo: Pioneira, 1952, 1970, 2.^a Ed.

1958 - A etnologia e a sociologia no Brasil: ensaios sobre os aspectos da formação e desenvolvimento das ciências no Brasil. São Paulo: Anhambi, 1958.

1959 – Fundamentos empíricos da explicação sociológica. São Paulo: Nacional 2.^a Edição, 1967.

1959 – (com Roger Bastide) Brancos e Negros em São Paulo: São Paulo: Nacional, 3.^a Ed., 1971.

1960 – Mudanças sociais no Brasil. São Paulo: Difel, 1960.

1961 – Folclore e mudança social na cidade de São Paulo: Petrópolis: Vozes, 2.^a ED., 1972.



- 1962 – A sociologia numa era de revolução social. Rio de Janeiro: Zahar 2.^a Ed., 1976.
- 1964 – A integração do negro à sociedade de classes. Rio de Janeiro: Inep/MEC, 1964.
- 1966 – Educação e Sociedade no Brasil. São Paulo: Dominus/Edusp, 1966.
- 1968 – *Relaciones de raza em Brasil; realidad y mito*. In: *Brasil hoy. México: Siglo XXI* 3.^a Ed., 1972.
- 1968 – Sociedade de classes e subdesenvolvimento. Rio de Janeiro 4.^a Ed., 1981.
- 1970 – *Immigration and Races Relations in São Paulo*. In: *Races and Class in Latin America*. Magnus Mörner [ed.]. Nova York: Columbia University Press, 1970.
- 1972 – O negro no mundo dos brancos. São Paulo: Difel, 1972.
- 1973 – Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina. Rio de Janeiro: Zahar 3.^a Ed., 1981.
- 1975 – A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- 1975 – Investigação sociológica e outros ensaios. Petrópolis: Vozes, 1975.
- 1975 – Universidade brasileira: reforma ou revolução? São Paulo: Alfa-Omega, 1975.
- 1976 – Circuito Fechado. São Paulo: Hucitec 2.^a Ed., 1977.
- 1977 – A Sociologia no Brasil: contribuição para estudo de sua formação e desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1977.
- 1978 – A condição de sociólogo. São Paulo: Hucitec, 1978.
- 1978 – O folclore em questão. São Paulo: Hucitec, 1978.
- 1979 - Apontamentos sobre a teoria do autoritarismo. São Paulo: Hucitec, 1979.
- 1979 – Da guerrilha ao socialismo: a revolução cubana. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
- 1980 – A natureza sociológica da sociologia. São Paulo: Ática, 1980.
- 1980 – Brasil: em compasso de esperança. São Paulo: Hucitec, 1980.
- 1980 – Movimento socialista e partidos políticos. São Paulo: Hucitec, 1980.
- 1981 – O que é Revolução? São Paulo: Brasiliense, 1981.
- 1981 – Poder e contrapoder na América Latina. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- 1984 – A questão da USP. São Paulo: Brasiliense, 1984.

1986 – Nova República? Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

1989 – O desafio educacional. São Paulo: Autores Associados, 1989.

1989 – O Significado do Protesto Negro. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1989.

1995 – A contestação necessária: retratos intelectuais de inconformistas e revolucionários. São Paulo: Ática, 1995.

1997 – A força do argumento. São Carlos: Edufscar, 1997.

